



Um olhar diferente acerca da vivência nos campos de concentração nazista

A different look at the experience in the Nazi concentration camps

Thiago Antonio Avellar de Aquino*

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | João Pessoa, Brasil
thiagoaquino19.ta@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisou as diferenças e peculiaridades da condição de ser mulher nos campos de concentração nazistas a partir dos relatos de Edith Eger e Eva Schloss. Para tanto, tomou-se como referência o relato de Viktor Frankl, que descreveu as reações e vivências a partir de uma perspectiva masculina. Além de um olhar diferente, identificou-se que a condição da maternidade, bem como o tipo de trabalho reservado às mulheres, constituiu a base das reflexões de suas vivências.

Palavras-chave: Gênero. Campos de concentração. Judaísmo.

Abstract: This article analyzed the differences and peculiarities of the condition of being a woman in the Nazi concentration camps based on the reports of Edith Eger and Eva Schloss. For this purpose, the report by Viktor Frankl was taken as a reference, who described the reactions and experiences from a male perspective. In addition to a different perspective, it was identified that the condition of motherhood, as well as the type of work reserved for women, constituted the basis for the reflections of their experiences.

Keywords: Gender. Concentration camps. Judaism.

Este artigo parte da ideia de que o vivido existencial nos campos de concentração pode ter vários olhares, sobretudo quando se consideram as diferenças entre as diversas perspectivas do feminino e do masculino. Dessa forma, seu objetivo foi o de identificar especificidades e convergências dos relatos sobre a vivência da Shoah, tendo como foco as narrativas de Edith Eger, Eva Schloss e Viktor Frankl.

A palavra Shoah significa calamidade, enquanto holocausto se refere a um sacrifício associado a uma prática expiatória, por esse motivo, a cultura judaica pretere este último termo¹. Assim, o manuscrito privilegiou a primeira terminologia, embora possa conter também um significado religioso. De uma forma ou de outra, ao considerar os

* Doutor em Psicologia Social e Professor da Universidade Federal da Paraíba do Centro de Educação.

¹ DANZIGER, 2007.



autorrelatos a respeito dos campos de concentração, Viktor Frankl encontra-se como uma referência importante acerca dessa experiência, das reações psicológicas e posicionamentos espirituais dos prisioneiros, mas apenas apresentou a versão masculina de sua vivência, posto que havia uma separação e uma destinação específica para ambos os sexos. Conforme o relato de uma sobrevivente, “(...) a estação se dividia em duas: uma para o campo dos homens, em Auschwitz, e a outra para o campo das mulheres, em Birkenau”².

Alguns autores aventam idiosincrasias significativas entre uma psiquê feminina e masculina. Por exemplo, em seu livro *In a different voice*, Gilligan³ apontou as idiosincrasias na forma de pensar o mundo de uma feminidade perpassada pelo cuidado, enquanto o raciocínio masculino seria pautado pela justiça⁴. De uma maneira ampla, para a autora em questão, o julgamento moral da mulher estaria mais vinculado com o sentimento de empatia e compaixão⁵. Ademais, nessa mesma esteira, Leonardo Boff considerou que a ética humana deveria ser pensada a partir do *ethos* do cuidado, assim, considerou que “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”⁶.

Para alcançar o seu escopo, o presente artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, abordou-se acerca do contexto dos campos de concentração – a perseguição aos judeus e o antissemitismo; em seguida, discorreu-se sobre as fases que os prisioneiros vivenciaram da entrada à libertação, segundo a descrição de Viktor Frankl. Por fim, abordou-se as especificidades sobre as vivências dos campos de concentração, levando em consideração os relatos de Eva Schloss e de Edith Eva Eger comparados à descrição de Viktor Frankl.

1 O antissemitismo e o massacre judeu

Uma questão relevante até os dias atuais para a cultura judaica é a Shoah, ou seja, a calamidade judaica que ocorreu no período da Segunda Guerra mundial acompanhado do antissemitismo. Os campos de concentração nazistas, *Konzentratinoslager*, foram constituídos depois da ascensão de Hitler ao poder – o primeiro campo foi Dachau, inaugurado em 22 de março de 1933, com a participação

² SCHLOSS, 2017, p. 104.

³ GILLIGAN, 2003.

⁴ KOHLBERG, 1992.

⁵ GILLIGAN, 2012.

⁶ BOFF, 1999, p. 12.



de Himmler, líder da *Schutzstaffel* (SS) e responsável pela “solução final”⁷. Inicialmente, a sua função não era perseguir os judeus, conforme explicitou Lustig:

A primeira categoria a frequentar os campos eram os políticos – comunistas, socialistas, depois os antifascistas alemães. Mais tarde, chegou a maior parte dos prisioneiros políticos das regiões ocupadas – devido ao decreto *Nacht-und-Nebel*, eram acusados ou suspeitos de serem inimigos do *Reich*⁸.

O nacionalismo racista, que deu origem ao antissemitismo, não precisou inventar um estereótipo do povo judeu, posto que até a Revolução Francesa os semitas eram considerados como páreas da sociedade e a origem de todos os males. A ideologia racial nazista também os considerava uma raça impura, assim como os ciganos e pessoas deficientes. Ademais, com a depressão econômica gerada pela queda da bolsa de valores em Nova York, em 1929, somando-se a ascensão do fascismo no continente europeu, gerou a xenofobia de imigrantes, de forma mais específica, direcionada aos judeus⁹. O departamento da SS foi encarregado para essa função hedionda: dar cabo do povo judeu, sendo oficialmente denominado de Seção de Administração Econômica¹⁰.

Para alguns autores, o antissemitismo não foi desencadeado por motivos religiosos, econômicos ou políticos, dessa forma “(...) nascer judeu, aos olhos de Adolf Hitler e do regime nazista, significa, a priori, não pertencer ao gênero humano e, portanto, não ter direito à vida”¹¹. Entretanto, a cosmovisão judaica seria a antítese do nazismo, posto que sua missão ética faz lembrar a dignidade e sacralidade da vida, decorrente da compreensão de que o ser humano seria, em última instância, imagem do seu criador. Ademais, o antagonismo do pensamento judaico ao nazismo pode ser constatado a partir dos ensinamentos de Moisés, sobretudo no que se refere aos direitos dos fracos, oprimidos, órfãos, viúvas, escravos e estrangeiros¹².

Tendo por base a Psicologia Social, pode-se considerar que o que explicaria a perseguição aos judeus foi, provavelmente, o estereótipo, ou seja, a percepção ou esquema mental construído negativamente em relação a este grupo¹³, o que teria formado o alicerce do antissemitismo, expresso por meio de uma atitude negativa

⁷ LUSTIG, 1991.

⁸ LUSTIG, 1991, p. 100.

⁹ WISTRICH, 2002.

¹⁰ BAUMAN, 1998.

¹¹ WISTRICH, 2002, p. 13.

¹² WISTRICH, 2002.

¹³ RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSK, 2000.



dirigida à comunidade judaica. Para tanto, os cinemas exibiam um estereótipo do judeu por meio do filme “O eterno Judeu”:

O filme era um documentário falso cuja intenção era mostrar que os judeus eram pessoas obscenas e repugnantes, quase não humanos na realidade; havia cenas que mostravam os ‘parasitas judeus’ em uma rua movimentada num gueto polonês, até seqüências de ratos nos canais de esgoto¹⁴.

Na visão sociológica o massacre judaico pode ser interpretado de duas formas: ou como uma fragilidade e fracasso do processo civilizatório moderno, ou ocorre a suspensão das regras civilizadas do comportamento à medida em que os criminosos se encontram no poder. Já o antissemitismo foi uma condição necessária, mas não suficiente para explicar o genocídio. O que teria tornado possível esse fenômeno foi o mundo racional e burocrático da civilização moderna que almejou um projeto de sociedade “perfeita” pautada em uma suposta “beleza superior”¹⁵. Nesta esteira, “a violência tornou-se uma técnica. Como todas as técnicas, é livre de emoções e puramente racional”¹⁶.

De acordo com o pensador e sobrevivente de campos de concentrações, Viktor Frankl, de um ponto de vista kantiano, o ser humano tem valor e dignidade, sendo um fim em si mesmo. Entretanto, o capitalismo coisificou o ser humano e a economia transformou o trabalhador em um instrumento, ou seja, um meio para um fim. Na guerra, a vida estava a serviço da morte e, nos campos de extermínio, um prisioneiro não “valia” um prato de sopa que o alimentava¹⁷. Além disso, o autor em tela considerou que em todos os grupos podem coexistir pessoas decentes e indecentes, assim “o nazismo difundiu o racismo, mas, na realidade, só há duas raças humanas, a ‘raça’ das pessoas decentes e a das indecentes”¹⁸.

Enquanto Bauman sugere que “(...) o holocausto foi tanto um produto como um fracasso da civilização moderna”¹⁹, Viktor Frankl, por sua vez, alertou:

Não foram apenas alguns ministérios de Berlim que inventaram a câmara de gás de Maidanek, Auschwitz, Treblinka; elas foram sendo preparadas nos escritórios e nas salas de aula de cientistas

¹⁴ SCHLOSS, 2017, p. 69.

¹⁵ BAUMAN, 1998.

¹⁶ BAUMAN, 1998, p. 122.

¹⁷ FRANKL, 2019.

¹⁸ FRANKL, 2019, p. 231.

¹⁹ BAUMAN, 1998, p. 33.



e filósofos niilistas, entre os quais se contavam e contam alguns pensadores anglo-saxônicos laureados com o prêmio Nobel. É que, se a vida humana não passa do insignificante produto da combinação acidental de umas moléculas de proteína, pouco importa que um psicopata cujo cérebro necessite de alguns reparos seja eliminado por inútil, e que ao psicopata se acrescentem mais uns quantos povos inferiores.²⁰

De forma geral, os campos poderiam ser compreendidos com um sistema de mais de trezentos complexos rigidamente eficiente no que se refere ao seu propósito: assassinar judeus. Os campos eram divididos em três tipos: acampamentos provisórios, campos de trabalho e de extermínio. O mais temido entre aqueles que eram perseguidos pelos nazistas era o de Auschwitz-Birkenau, onde era produzido o gás Zyklon B utilizado nas câmaras de gás²¹.

Tendo em vista que Viktor Frankl vivenciou tanto a perseguição quanto as torturas e o trabalho forçado nos campos de concentração como um prisioneiro comum sob o número 119.104, a seguir, são abordadas as fases em que o médico psiquiatra e neurologista identificou por meio de sua observação participante ao adentrar nos porões mais profundos da modernidade.

2 A vivência de Viktor Frankl nos campos de concentração

Viktor Frankl (1905 – 1997) foi um médico vienense judeu e fundador de uma corrente de psicoterapia: a logoterapia e análise existencial. Por três anos esteve em quatro campos de concentração. Embora tenha sido encaminhado inicialmente para o gueto de Theresienstadt (22 de setembro de 1942 a 25 de setembro de 1944), seu relato ocorre a partir do seu ingresso em Auschwitz (19 de outubro de 1944 a 22 de outubro de 1944), bem como nos campos de trabalho de Kaufering III (28 de outubro de 1944 a 5 de março de 1945) e Türkheim I (5 de março de 1945), esses dois últimos eram subsidiários do campo de Dachau na Alemanha. Por fim, ainda descreve as reações psicológicas no pós-guerra, quando foi libertado, em 27 de abril de 1945.

Em sua vivência como prisioneiro número 119.104, destacou que passara por três fases distintas e invariantes: Choque de entrada, fase de adaptação e a fase da soltura, as quais descreve em seu livro *Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager*²², o qual ditou em nove dias após a sua libertação.

²⁰ FRANKL, 2003, p. 45.

²¹ SCHLOSS, 2017.

²² FRANKL, 1977.



A primeira fase diz respeito a entrada no campo de Auschwitz, que é caracterizada pelo “choque” do recém-chegado. Esta fase se inicia com a descrição da chegada em Auschwitz em um vagão de trem destinado para gados. Assim, no instante em que o prisioneiro toma consciência em qual estação se dirige o trem, a reação foi a angústia e o medo. Assim descreveu o psicólogo no campo de concentração: “O apito do trem tinha um som estranho, como um grito de socorro penalizado por aquele carregamento infeliz destinado à perdição”²³.

Outra reação foi a “ilusão de indulto”, a qual faziam pensar que poderiam chegar a uma condição tão boa quanto a daqueles prisioneiros que os recepcionavam. Assim, os reclusos eram iludidos pelo pensamento de que no final seriam poupados. Mas em última análise, ter uma reação anormal em uma situação anormal como aquela seria indubitavelmente uma conduta normal²⁴.

A primeira seleção era realizada pelo médico nazista Mengele, que selecionava os recém-chegados para a esquerda (câmara de gás) ou para a direita (trabalho). Entretanto, os prisioneiros não conheciam o significado dessa escolha. Frankl relata que ao perguntar para onde enviaram o seu amigo, escutou a seguinte resposta:

- Mandaram seu amigo para o lado esquerdo?
- Sim, respondi.
- Então, você pode vê-lo ali. – Me disseram.
- Onde?

Apontaram para uma chaminé a alguns metros dali, de onde saía uma coluna de fogo em direção ao céu cinzento da Polônia, dissolvendo-se numa nuvem de fumaça sinistra.

- É ali que está o seu amigo, indo em direção aos Céus²⁵.

Uma das características dessa fase foi não temer a morte e nem a câmara de gás. O pensamento em se atirar na cerca eletrificada para consumir a ideia suicida era mitigado quando imaginavam que o seu fim seria a câmara de gás. Já a segunda fase se inicia quando o prisioneiro sai do estado de pânico e ingressa na indiferença²⁶.

Além da indiferença, como uma forma de “morte emocional”, ou embotamento dos sentimentos, esta fase se caracterizou pela manifestação da irritação (provocada pela falta de sono), da apatia (desencadeada pela subnutrição) e da agressão. Ademais,

²³ FRANKL, 2021, p. 27.

²⁴ FRANKL, 1995.

²⁵ FRANKL, 2021, p. 29.

²⁶ FRANKL, 1995.



surgia também o sentimento de inferioridade decorrente de humilhações constantes sofridas por meio do tratamento desumano, o que levou o prisioneiro a regredir a uma estrutura psíquica primitiva²⁷.

Outra característica importante nessa fase foi a vivência de uma ausência de futuro que levava o prisioneiro a se considerar um morto vivo, como observou Frankl: “Bem forte era a sensação de que a própria vida carecia de futuro, de que ela já não era mais do que passado, tão pretérita como a de um morto”²⁸.

A despeito de todo o processo de desumanização, por meio da força de resistência do espírito, era possível se posicionar de forma antagônica aos condicionamentos da vida nos campos de concentração. Conforme observou Frankl:

Apesar de todo primitivismo físico e mental incontornáveis da vida num campo de concentração, era possível crescer na vida espiritual. As pessoas mais sensíveis, acostumada à vida intelectual, devem ter sofrido uma dor imensa (em geral, tinham um físico delicado), mas o dano à sua vida interior foi menor, pois conseguiam se proteger das terríveis circunstâncias, refugiando-se numa realidade de riquezas interiores e de liberdade espiritual²⁹.

Embora todo prisioneiro ainda pudesse recorrer a sua liberdade interior, uma minoria ainda resguardou sua dignidade humana, posto que “Poucos foram aqueles capazes de conservar a sua humanidade; mas eles davam um exemplo aos outros, e esse exemplo provocava aquela reação em cadeia que é própria do modelo”³⁰. O Quadro 1 apresenta de forma sintética o posicionamento existencial em relação às reações psicológicas do encarcerado nos campos de concentração.

Quadro 1: Reações e posicionamentos espirituais dos prisioneiros no campo de concentração.

Reações psicológicas dos prisioneiros no campo de concentração	Estratégias dos prisioneiros no campo de concentração
Primeira fase: - Ilusão de indulto	

²⁷ FRANKL, 1995.

²⁸ FRANKL, 1995, p. 197.

²⁹ FRANKL, 2021, p. 51.

³⁰ FRANKL, 1995, p. 200.



<ul style="list-style-type: none">- Pânico- DesesperançaSegunda fase:- Apatia (ausência de sentimentos)- Despersonalização- Sentimento de inferioridade- Irritabilidade- Exaustão- Incapacidade de sentir felicidade- Entregar os pontos- Desesperança- Busca de sensações prazerosas (Cigarros)- Ideação suicida- Couraça dos sentimentos (Panzenschicht)Terceira fase:- Ausência de felicidade- Sujeito da injustiça- Decepção	<ul style="list-style-type: none">- Humor (vontade de humor)- Diálogo mental com ente querido- Mentalização positiva- Crença no futuro- Liberdade interior- Vivência da arte- Religiosidade- Busca de sentido no sofrimento- Vivência do próprio íntimo- Orientação para o futuro
---	--

Fonte: adaptado de: *Um psicólogo no campo de concentração*.³¹

Frankl descreveu as reações psicológicas e o posicionamento dos prisioneiros na ala masculina, sobretudo nos campos de trabalho. Os demais autores que tratam da questão da Shoah também não fazem distinções entre a experiência feminina e masculina, tratando a temática de uma maneira uniforme. Dessa forma, carece ainda conhecer o olhar feminino que manifesta uma perspectiva singular dessa mesma vivência, o que será tratado no próximo tópico.

3 Um olhar diferente sobre a vivência nos campos de concentração

A condição de ser mulher e judia possivelmente demarcou um olhar e uma vivência diferente, conforme se pode constatar por meio da leitura dos relatos de duas sobreviventes: Edith Eger e Eva Schloss. Edith Eva Eger era de origem húngara e em 1944, aos 16 anos de idade, foi conduzida aos campos de concentração nazistas com toda a sua família. Seus pais foram assassinados nas câmaras de gás. Escreveu as suas memórias sobre esse período no livro *A bailarina de Auschwitz*. Sobre essa obra, comentou:

³¹ FRANKL, 2021.



Quando escrevi A bailarina de Auschwitz, eu não queria que as pessoas lessem minha história e pensassem: “meu sofrimento não é nada em comparação ao dela”. Queria que as pessoas conhecessem a minha vida e entendessem: “se ela pode fazer isso, eu também posso”³².

Já Eva Schloss era uma pré-adolescente austríaca de onze anos quando fugiu da perseguição antissemita. Toda sua família migrou para Amsterdã, ocasião em que se tornou amiga Anne Frank, antes de conhecer os campos. Muitos anos após a sua libertação, em 1988, decidiu revelar a sua experiência ao escrever o livro *Depois de Auschwitz*. Em seu relato, escreveu: “vou contar a vocês como tentei fazer o meu melhor para deixar uma marca no mundo”³³.

Tanto nas memórias de Eger quanto de Schloss, encontram-se a narrativa em serem extirpadas do seu lar e conduzidas coercitivamente para os campos. Edith Eger foi transportada pelos soldados nazistas em uma carroça para uma fábrica de tijolos na periferia da cidade juntamente com sua irmã e seus pais. Sobre este momento relata, posteriormente, um remorso da sua consciência: “não segurei a mão de minha irmã”³⁴. Ao chegar no seu destino final, relatou o seguinte fato vivenciado por sua irmã: “Magda vê sua ex-professora de ginástica na barraca ao lado se esforçando para cuidar de um bebê recém-nascido nessas condições de inanição. ‘O que vou fazer quando o meu leite acabar?’ Sussurra ela para nós. ‘Meu bebê chora sem parar’”³⁵.

As narrativas de ambas comentam que o processo de desumanização se inicia desde o transporte dos prisioneiros nos vagões de carga escuros destinados a gados, onde pessoas eram empilhadas como cargas humanas. Eram vagões com odor de excrementos e, conforme o seu relato, um pão era dividido por oito pessoas e cada vagão continha dois baldes, um contendo água e outro para as necessidades fisiológicas. Segundo o relato de Eva Schloss, as pessoas estavam suando e com náuseas. O pânico se iniciava desde a viagem de trem, pois não sabiam o destino final.

O trem nos levou lentamente, atravessando o continente europeu durante três dias e três noites. Estávamos na escuridão, presos como animais condenados, com um balde fedido para ser usado como banheiro e outro com água. Uma vez por dia, o trem parava e os guardas gritavam ao abrir a porta, cegando-nos com a luz do dia, e jogavam alguns pedaços de pão antes que o

³² EGER, 2021, p. 15-16.

³³ SCHLOSS, 2017, p. 12.

³⁴ EGER, 2019, p. 45.

³⁵ EGER, 2019, p. 46.



crepúsculo voltasse a nos desorientar. Pessoas choravam, rezavam e ficavam deprimidas com a falta de esperança em meio ao intenso calor do verão. Uma mulher grávida se entregou completamente a uma histeria induzida pelo pânico³⁶

O desembarque em Auschwitz-Birkenau é descrito como um momento de desespero por um lado e gritos dos soldados da SS, acompanhados por latidos dos cachorros, por outro. Para as mães que estavam com seus bebês, a situação era mais aterrorizante, como pode ser constatado na seguinte narrativa:

Subimos a rampa lentamente até chegarmos aos guardas da SS na parte superior. Eles direcionavam as pessoas em duas colunas, uma à esquerda e outra à direita. Uma mulher à nossa frente começou a gritar quando percebeu que seria forçada a passar seu bebê para a outra coluna. Uma senhora estendeu o braço para pegar a criança, mas a jovem mãe chorava e gritava (...) ³⁷.

A artista Ella Liebermann, que também foi uma sobrevivente dos campos de concentração, retratou esse momento dramático em um de seus desenhos, como se pode constatar na Figura 1, onde se pode ler: *Gib dein Kind her!* Ou seja, entregue seu filho! Além disso, “mulheres grávidas eram sujeitas a abortos tardios ou tinham de matar seus filhos quando eles nascessem” ³⁸.



Figura 1: Desenho de Ella Liebermann

Fonte: <http://www.repertoriocriativo.com.br/desenhos-de-criancas-durante-o-holocausto-nazista/amp/>. Acesso em: 18 março 2022.

³⁶ SCHLOSS, 2017, p. 98.

³⁷ SCHLOSS, 2017, p. 103.

³⁸ SCHLOSS, 2017, p. 111.



Uma memória marcante diz respeito às labaredas e à longa fumaça que saía da chaminé do forno crematório. Assim como se encontra no livro *Um Psicólogo no Campo de Concentração*, a narrativa da Bailarina de Auschwitz também desvela a frieza com os recém ingressos: “(...) uma garota em Auschwitz apontou para a fumaça subindo do crematório e falou: ‘você pode começar a falar sobre a sua mãe no passado, ela já está morta’, minha irmã Magda me disse: ‘o espírito nunca morre’”³⁹.

Outro relato que transpassou as narrativas dos três autores em foco foi o encontro com o médico nazista Josef Mengele, considerado como “dr. Morte” ou “anjo da morte”, que pessoalmente fazia a seleção dos recém-chegados: trabalho ou câmara de gás. Schloss (2017, p. 103) o descreve como um médico de reputação duvidosa, afirmando que “não havia necessidade de Mengele participar da seleção na plataforma, mas ele realmente gostava de estar envolvido de forma íntima com a mecânica das torturas e dos assassinatos”. Sobre a frieza e falta de empatia de Mengele, Frankl relata em seu livro: “Um prisioneiro, médico de um bloco de barracões e homem de uns sessenta anos, me contou que havia implorado ao Dr. M. para que poupasse seu filho da câmara de gás. O Dr. M. recusou-se friamente”⁴⁰.

No capítulo “Dançando no inferno”, Eger descreve o seu encontro com o Dr. Morte, quando foi obrigada a dançar o Danúbio Azul horas depois que o carrasco tinha enviado sua mãe para a câmara de gás. Ao dançar para o assassino de sua mãe, evita olhar para ele, apenas foca em suas séries e nos seus anos de treinamento como ginasta. No final da sua interpretação, Mengele joga um pedaço de pão para a bailarina de Auschwitz. Pode-se constatar, a partir da perspectiva de Edith Eger, que as mulheres no campo de Auschwitz não estavam apenas a serviço do divertimento do Dr. Morte, mas também eram tratadas como objetos de sua vontade de prazer.

Na ala masculina, a arte também teve um papel preponderante para a resistência espiritual do prisioneiro. Segundo os escritos de Viktor Frankl, seu primeiro contato com a música foi na segunda noite que estava em Auschwitz, quando foi acordado de madrugada pelo som de um violino que interpretava um tango, e lembrou que sua esposa, que estava em Birkenau, completava vinte e quatro anos, grávida de quatro meses de gestação. Havia uma orquestra nesse último campo, liderada pela violinista vienense Alma Rose⁴¹. Sobre a arte no campo, esta servia como uma força de resistência do espírito, mas também aventou que “(...) a verdadeira impressão de

³⁹ EGER, 2021, p. 96.

⁴⁰ FRANKL, 2021, p. 35.

⁴¹ SCHLOSS, 2017.



qualquer coisa ligada à arte surgia apenas do contraste fantasmagórico entre a performance e o pano de fundo da vida desolada no campo”⁴².

Além da arte, outro aspecto que salta aos olhos diz respeito ao campo laboral. O lema do complexo Auschwitz-Birkenau era: O trabalho liberta, por conseguinte, para o sistema nazista, o valor de uma vida estava relacionado a sua capacidade de trabalhar. A labuta, destinada as mulheres, em geral, consistia em arrancar dentes de ouro e despir os corpos dos cadáveres na câmara de gás. Além disso, aquelas que sabiam o idioma alemão, poderiam trabalhar no escritório da Gestapo. Em outros casos, lavavam roupas ou produziam munições bélicas⁴³. Edith Eger rememora que acordava às quatro da manhã para a contagem das prisioneiras:

Marchávamos para o trabalho diário, que podia ser em um galpão chamado Canadá, onde recebíamos ordens para separar os pertences dos prisioneiros recém-chegados, ou em alojamentos que deveríamos limpar e limpar e limpar, ou crematórios, onde as mais desafortunadas eram obrigadas a recolher dentes de ouro, cabelos e peles dos cadáveres antes da cremação⁴⁴.

Apesar da condição do trabalho escravo, ainda não fora tolhido do prisioneiro a capacidade humana de se posicionar perante as injustiças que ocorreram nos campos. Constata-se, por meio do livro *Um Psicólogo no Campo de Concentração*, que ele não perdera a liberdade e a capacidade de decidir, assim, ainda poderia eleger entre odiar ou amar, vingar-se ou perdoar: em suas memórias, Frankl recorda as palavras de um prisioneiro que protestou para ele: “Que essa mão seja cortada se eu não a manchar de sangue no dia em que chegar em casa!”⁴⁵. Por outro lado, pode-se também encontrar uma postura de reconciliação:

(...) Desejo que o garoto que cospe em nós perceba um dia que ele não precisa me odiar. Na minha fantasia de vingança, o garoto que agora grita “Judeu sujo! Verme!” segura um buquê de rosas e diz: “agora eu sei, não há razão para odiar você. Nenhuma razão.” Nós nos abraçamos e perdoamos um ao outro⁴⁶.

⁴² Frankl, 2021, p. 57.

⁴³ SCHLOSS, 2017.

⁴⁴ EGER, 2019, p. 37.

⁴⁵ FRANKL, 2021, p. 100.

⁴⁶ EGER, 2019, p. 70.



Inequivocamente, ser homem ou ser mulher demarcam diferenças significativas tanto na forma de experienciar o sofrimento nos campos quanto o tipo de sofrimento impresso ao recluso. Um tema destacado pelo olhar feminino foi a violação do corpo para atingir a alma, seja por meio da tatuagem, dos cabelos usurpados ou da tentativa de abuso sexual. Após ser tatuada com um número, diz a sobrevivente: “Eu agora era a prisioneira A/5272 – parte de um processo cujo objetivo era acabar com meu orgulho e com a minha identidade”⁴⁷.

A vivência de Edith Eger foi distinta, conforme relata: “O funcionário com a agulha e a tinta está bem na minha frente agora. Ele segura meu punho e começa a furar, mas então me empurra para o lado. ‘Não vou desperdiçar tinta com você’, diz ele e me empurra para o lado”⁴⁸. Na perspectiva da ala masculina, Viktor Frankl relata que todos os pelos do recém ingresso ao campo era raspado e que possuía, assim, apenas a “existência desnuda”⁴⁹, mas não descreve o momento em que foi tatuado com o número 119.104. Já a reação psicológica de uma mulher se diferenciou em comparação com a reação descrita por este autor. Segundo o relato de Edith Eger, sua irmã ficou segurando os cachos dos seus próprios cabelos nas mãos, aflita com a sua autoimagem desnuda: “Ficamos nuas durante horas e ela segura seu cabelo como se, ao fazer isso, pudesse se controlar, manter a sua humanidade”⁵⁰. Sobre as tentativas do abuso sexual, Eger descreve os seus momentos de terror junto ao Dr. Morte:

Ele me leva, nua e molhada, pelo corredor até um escritório com uma mesa, uma cadeira. A água escorre de meu corpo no chão frio. Ele se inclina sobre a mesa e olha para mim sem pressa. Estou aterrorizada demais para pensar (...). Dê um chute nele. Um *grand battement* na cara. Jogue-se no chão, encolha-se como uma bola e aguente firme. Espero que, seja lá o que ele pretenda fazer comigo, acabe logo.⁵¹

Neste caso, Eger relata que se safou do seu algoz, pois fugiu da sala imediatamente após Mengele sair para atender uma chamada telefônica. Indubitavelmente esse tipo de vivência nos campos de concentração levam a um questionamento filosófico: quem é o ser humano? Ou seja, leva a indagar acerca da imagem do ser humano conforme

⁴⁷ SCHLOSS, 2017, p. 108.

⁴⁸ EGER, 2019, p. 63.

⁴⁹ FRANKL, 2021.

⁵⁰ EGER, 2019, p. 53.

⁵¹ EGER, 2019, p. 61.



salientou Viktor Frankl. Essa inquietação espiritual também se encontra nas memórias de Eva Schloss, como se pode constatar:

Minhas experiências revelam que as pessoas têm uma capacidade única para a crueldade, brutalidade e completa indiferença aos sentimentos humanos. É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana.⁵²

Além das questões filosóficas, a vivência nos campos desvelou a importância do esperar como uma forma de superação e resistência interior. Edith Eger relata uma casuística de uma mulher que estava doente e gradativamente definhando, mas todos os dias se levantava do beliche e reunia forças para trabalhar. Quando foi indagada sobre como conseguia tal façanha, respondeu que ouviu que seriam libertadas no Natal, mas naquele ano a libertação não chegou e ela faleceu no dia seguinte. Apesar de todos no campo dizerem que ela não iria sair viva, Eger cultivou uma voz interna de forma antagônica: “isso é temporário, dizia para mim mesma. Se eu sobreviver hoje, amanhã serei livre”⁵³. Uma constatação comum dos autores em foco foi a de que:

As pessoas que não se ajustavam à vida no campo viviam com um olhar vago, perdiam as esperanças e morriam. Na linguagem do campo, essas pessoas eram chamadas de *muselmann*, já que a maneira curvada e sem vida de andar os fazia parecer mulçumanos com o corpo inclinado para rezar.⁵⁴

De forma geral, Auschwitz e Dachau proporcionaram a seguinte lição para: (...) aqueles reclusos que se orientavam na direção de um futuro que de alguma forma esperavam por eles, que tinham uma tarefa futura a realizar, eram os que apresentavam maiores probabilidades de sobreviver”⁵⁵. Apesar das semelhanças nos relatos, os dilemas da alma feminina suscitaram questionamentos direcionados para as condições mais específicas das mulheres. Por exemplo, sabendo que todas as mães com crianças pequenas eram mortas na câmara de gás de Auschwitz, Edith Eger questionou: “O que é pior: ser uma criança que perdeu a mãe ou uma mãe que perdeu o filho?”⁵⁶.

⁵² SCHLOSS, 2017, p. 100.

⁵³ EGER, 2019, p. 60.

⁵⁴ SCHLOSS, 2017, pp. 109-110.

⁵⁵ FRANKL, 2003, p. 17.

⁵⁶ EGER, 2019, p. 65.



Já Frankl (2021) fez indagações de forma mais abstratas ao questionar o sentido de tantas mortes e de tanto sofrimento em seu entorno e concluiu que se todo sofrimento que estava passando não tivesse um sentido, preferiria não sobreviver. Inevitavelmente, a questão da fé emergiu entre os reclusos. Para Viktor Frankl: “Em mais de um prisioneiro se abriu caminho, durante e graças ao encarceramento, para uma relação inconsciente ou reprimida com Deus”⁵⁷. Não obstante, a irmã de Edith Eger perdeu a fé, como muitos outros sobreviventes, por não conceber que Deus pudesse permitir tanto sofrimento. Mas, também a religiosidade pôde ser vivenciada de uma forma genuína, conforme relatou Edith Eger:

[...] Nunca tive dificuldade em compreender que não é Deus que está nos matando em câmara de gás, em valas, em precipícios, em escadas com 186 degraus brancos. Deus não comanda o campo da morte. (...) Imagino Deus como uma criança dançando. Alegre, inocente e curiosa. Também devo ser assim para estar próxima de Deus agora.⁵⁸

Outro fenômeno similar entre a vivência de Viktor Frankl e Edith Eger foi o fenômeno do humor. Nos campos de concentração, o humor tinha uma função de autopreservação na medida em que permitiu o prisioneiro se colocar acima da situação. O humor feminino tinha um caráter de resistência, em comparação a ala masculina que era pautado pelo sarcasmo e temas mórbidos⁵⁹. Assim, descreveu Eger:

‘Escapamos da câmara de gás, mas morreremos comendo cascas de batata’, alguém fala, e a risada vem de um lugar profundo dentro de nós que não sabíamos que ainda existia. Rimos, como fiz todas as semanas, em Auschwitz, quando éramos forçadas a doar sangue para os soldados alemães feridos. Eu me sentava com a agulha no braço e me divertia. Boa sorte na hora de vencer a guerra com o meu sangue de bailarina pacifista!⁶⁰

Naquela condição, sentia-se falta de todas as necessidades básicas, sobretudo de uma alimentação digna. Frankl observou que na ala masculina também se falava de comida e troca de receitas entre os prisioneiros. Da mesma forma, Edith Eger relata na ala feminina: “As fantasias culinárias nos reconfortaram em Auschwitz”⁶¹. Já para Eva

⁵⁷ FRANKL, 1995, p. 200.

⁵⁸ EGER, 2019, p. 78.

⁵⁹ FRANKL, 2021.

⁶⁰ EGER, 2019, pp. 65-66.

⁶¹ EGER, 2019, p. 58.



Schloss tais temáticas estavam relacionadas à subnutrição e ao sonho de liberdade: “Tínhamos perdido toda a noção do tempo, e nos devaneios da subnutrição, sonhávamos acordadas com o futuro, conversando sem parar sobre todos os tipos de alimentos que comeríamos quando estivéssemos livres”⁶². Entretanto, no parecer de Viktor Frankl, as conversas sobre comida poderiam trazer um alívio psicológico momentâneo, mas ocasionaria riscos fisiológicos ao provocar o organismo com tais imaginações⁶³. Já na fase da libertação, o alimento parece ter tolhido a vida de muitos sobreviventes, conforme escreveu Eva Schloss:

É difícil aceitar que muitas mulheres acabaram não morrendo nas mãos dos nazistas, mas ao se alimentarem com a comida quente oferecida pelos nossos libertadores. Depois de passarem fome por tanto tempo, seus corpos simplesmente não conseguiram se adaptar à mudança brusca de dieta⁶⁴.

A sensação da libertação na perspectiva de Eva Schloss foi ambígua, por um lado encontrou poucas pessoas conhecidas, e estas que sobreviveram estavam atormentadas e transformadas por tantos anos de sofrimento. Por outro lado, se encontrava alegre por sobreviver, estar saciada de pão e de vestir roupas quentes⁶⁵. A descrição de Edith Eger se aproximou mais da percepção de Viktor Frankl no que se refere à ausência de felicidade:

Naquelas primeiras horas de liberdade, vi meus colegas ex-prisioneiros – aqueles que conseguiram andar – saírem pelos portões da prisão e, momentos depois, voltarem para se sentar na grama encharcada no chão sujo dos barracões, incapazes de seguir adiante (...). Não estávamos mais presos, mas muitos não conseguiam reconhecer, física ou mentalmente, a liberdade. Corroídos por doenças, pela fome e pelo trauma, não tínhamos capacidade de assumir a responsabilidade por nossas vidas. Mal conseguíamos nos lembrar de como ser nós mesmos⁶⁶.

Um sentimento recorrente dos sobreviventes dos campos de concentração foi a culpa por ser sobrevivido, como pode se constatar na seguinte frase: “Eu poderia me sentir vitoriosa. Contra todas as expectativas um final feliz! Por que eu sobrevivi? Não há

⁶² SCHLOSS, 2017, p. 128.

⁶³ FRANKL, 2021.

⁶⁴ SCHLOSS, 2017, p. 137.

⁶⁵ SCHLOSS, 2017.

⁶⁶ EGER, 2021, p. 15.



explicação. É um golpe de sorte. Ou um erro”⁶⁷. Na obra de teatro *Sincronización en Birkenwald*, que trata sobre o mundo durante a Segunda Guerra, Viktor Frankl escreveu: “Eu serei uma pessoa melhor. Eu fui condenado, condenado a viver”⁶⁸.

Considerações finais

Conforme explicitou-se inicialmente, o objetivo do artigo foi o de identificar especificidades e convergências dos relatos sobre a vivência da Shoah, tendo como foco as narrativas de Edith Eger, Eva Schloss e Viktor Frankl. Para tanto, considerou-se a recomendação de que é necessário elaborar critérios específicos para abarcar as categorias do pensamento da mulher⁶⁹, o que se demonstrou válida também no contexto do campo de concentração, sobretudo para compreender os dilemas e angústias vivenciados na ala feminina.

De forma geral, constatou-se que, embora o conteúdo dos relatos seja semelhante, a forma de perceber a vivência revelou nuances importantes, como se pôde compreender ao longo do texto. Temas como a maternidade e questões específicas da feminidade aparecem nos relatos de Edith Eger e Eva Schloss. Além disso, o tipo de trabalho e a forma de tratamento, embora sempre hostis, possivelmente demarcaram um olhar diferente dessas vivências a partir da condição de ser mulher nos campos de concentração. Assim, os relatos aqui analisados sugerem a necessidade de um olhar diferente para as especificidades de cada gênero acerca das vicissitudes da vida nos campos de concentração e suas respectivas formas de estar e se posicionar.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13903>. Acesso em: 20 março 2022.

⁶⁷ EGER, 2019, p. 105.

⁶⁸ FRANKL, 2006, p. 57.

⁶⁹ GILLIGAN, 1982.



EGER, Edith Eva. *A bailarina de Auschwitz*. Tradução de Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

EGER, Edith Eva. *A liberdade é uma escolha*. Tradução de Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FRANKL, Viktor. *Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager*. Munique: Kösel, 1977.

FRANKL, Viktor. *Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas, SP: Editora Psy II., 1995.

FRANKL, Viktor. *Sede de sentido*. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor. *Sincronización en Birkenwald*. Tradução de Claudio Garcias Pintos. Buenos Aires: San Pablo, 2006.

FRANKL, Viktor. *Llegará un día en que serás libre: cartas, textos y discursos inéditos*. Tradução de María Luísa Vea Soriano. Barcelona: Herder, 2019.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e existencialismo*. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor. *Um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Bruno Alexander. Campinas, SP: Editora Auster, 2021.

GILLIGAN, Carol. *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

GILLIGAN, Carol. *From In a different voice: Psychological theory and women's development*, pp. 253-264. Em: TALLACK, Douglas (org). *Critical Theory: a Reader*. New York, Ny: Routledge, 2013.

KOHLBERG, Lawrence. *Psicologia del desarrollo moral*. Tradução de Asun Zubiaur Zárate. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1992.

LUSTIG, Oliver. *KZ: dicionário do campo de concentração*. Tradução de Constance Mannshardt. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSK, Bernardo. *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2000.



SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz*. Tradução de Amanda Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 28/02/2022.